

NOTÍCIAS

APRESENTAÇÃO DO LIVRO *DUAS VILAS UM SÓ POVO. ESTUDO DE HISTÓRIA URBANA (1250-1389)*, DE MARIA DA CONCEIÇÃO FALCÃO FERREIRA¹

MARIA MANUELA DOS REIS MARTINS
(UNIVERSIDADE DO MINHO/CITCEM)

Editado pela Universidade do Minho, no âmbito do CITCEM, em Junho de 2010, este livro encerra o texto da dissertação de Doutoramento de Maria da Conceição Falcão Ferreira, discutida e defendida, em 1997, na Universidade do Minho.

Trata-se de uma obra singular, produzida por uma investigadora muito especial, num contexto também ele deveras excepcional. Parafraçando as duas citações com que a autora nos brinda logo no início, na página 19, de que «todo o livro tem a sua história» (Jean Glenisson) e, ainda, «cuidadinho com o livro, qualquer que ele seja, porque esse livro leva uma pessoa dentro e essa pessoa é o autor» (José Saramago), é forçoso que me debruce primeiro sobre a história do texto, que o livro leva dentro, ou seja, sobre o contexto da sua produção, história essa intimamente ligada à singular pessoa que o escreveu, para, depois, me debruçar sobre o seu conteúdo, também ele a reclamar uma inevitável singularidade.

Devo reconhecer a minha profunda satisfação por ver finalmente publicado este trabalho de história urbana medieval, centrado na cidade de Guimarães, que honra a pessoa que o escreveu, bem como a Universidade do Minho, instituição que enquadrou a sua produção, a sua discussão pública e, finalmente a sua publicação. Todavia, a minha satisfação não é um simples enunciado, um lugar comum em situações semelhantes, mas sim uma expressão de alguém que acompanhou de perto, e ao logo

de 10 anos, a produção do texto que deu origem à obra agora editada, devido a uma convivência muito próxima, partilhada com a autora, quase diariamente, entre 1987 e 1997. O seu objectivo não era então a publicação de um livro, mas tão só a produção de um texto académico para obtenção do grau de Doutor em História Medieval, tendo-me sido possível acompanhar de perto os avanços e recuos, as dúvidas e hesitações, as pequenas conquistas, as reflexões, mas também as sucessivas paragens e arranques, a que Conceição Falcão submeteu o seu trabalho.

Ao longo de 10 anos foi-me possível apreciar a invulgar capacidade da autora em escrever 150 páginas limpas, num mês, de rajada, dia e noite, num frenesim que a punha quase febril, mas, também, observar as longas paragens de escrita, que pareciam nascer de uma profunda insatisfação com os documentos e consigo própria, que a prostravam, tornando-a avessa a qualquer tentativa exterior de lhe incutir força ou confiança. Afinal, ritmos normais, próprios de uma investigadora exigente, que tende sempre a questionar, mais que a afirmar, que busca novas questões, que formula novos juízos, que lê e relê tudo o que escreve, mas sobretudo que vai crescendo e amadurecendo em termos intelectuais e científicos, mas também em experiência humana, por vezes dolorosa. Foram esses 10 anos um tempo de criação e de espera, entrecortado com o ritmo mais sazonal da vida académica, também ela exigente em tempos, dispendidos entre aulas, leituras, atendimento de alunos, reuniões. Assim se foi alongando o tempo de produção desta tese, que foi crescendo com a sua autora, passo a passo, numa convivência constante, qual obra de arte que o artista teima em não terminar, desenvolvendo com ela

¹ Este texto reproduz, com ligeiras adaptações, a intervenção que fiz na sessão de apresentação do livro em apreço, no dia 14 de Julho de 2010, no Museu Nogueira da Silva, em Braga, numa iniciativa promovida pelo CITCEM.

uma cumplicidade que rasa a náusea, sempre que nela se toca.

Sem dúvida que esta experiência poderá parecer estranha às gerações mais jovens, que realizam as suas teses em tempos bem mais curtos, obrigados que estão por novos modelos de formação, originários das áreas das ciências mais duras, em que as teses constituem amiúde simples partes de projectos mais amplos que, por vezes, apenas têm sentido na cabeça dos orientadores que as dirigem, conformando-se como peças que se encaixam numa mesa de montagem. Mas, não foi esse o contexto da produção da tese aqui publicada, porque há cerca de vinte anos os doutoramentos no âmbito das ciências históricas eram mapeados por modelos não escritos, mas que os seus autores sentiam como mais adequados, por referência a outros trabalhos que consideravam como exemplares. Frequentemente, eram os próprios doutorandos a imporem-se ritmos e exigências, quase sempre à revelia dos orientadores, que raramente assumiam verdadeiramente esse papel, limitando-se, amiúde, a ser meros ouvintes de dúvidas ou de decisões já tomadas. Eram outros tempos, cujo *ethos* se pautava pela exigência permanente. Tempos de autodisciplina, de auto-aprendizagem, que permitia o tempo da liberdade, para procurar novos caminhos, apesar das dúvidas, e o tempo da criação, apesar das angústias e solidão, que assistem a qualquer acto criativo, num ciclo, invariavelmente longo, de crescimento que facultava o amadurecer das ideias, a reflexão e a paulatina validação dos resultados.

Foi esse o tempo que Conceição Falcão concedeu a si própria. Dez longos anos que lhe permitiram interrogar milhares de documentos, dispersos por vários arquivos, realizar leituras sobre velhas e novas temáticas da história urbana, ensaiar novos olhares sobre as fontes, reflectir sobre o exercício de historiador e dar expressão a uma escrita madura que constitui o texto final da sua tese.

Tive a rara oportunidade de conviver com essa fase de criatividade e amadurecimento,

convivência que não foi um mero acto passivo, pois nela encontrámos ambas um espaço e um tempo onde convergiram interesses comuns. O espaço da Unidade de Arqueologia e o tempo da experiência do Mestrado de Arqueologia, nas suas sucessivas edições entre 1992 e 1997, no âmbito da leccionação conjunta da disciplina de Arqueologia e História urbana, sem dúvida um dos mais interessantes laboratórios pedagógicos da nossa experiência docente. Pelo debate que se tornou possível com alunos de diferentes formações académicas, entre arquitectos, informáticos, arqueólogos e historiadores, e que permitiu entrever novos horizontes, gerar novos desafios e pensar a cidade na sua dimensão material. Se a história urbana constituía já uma área de interesse maior da investigação de Conceição Falcão, ela viu-se enriquecida pela sua curiosidade por outros olhares sobre a cidade como facto histórico. Essa foi a encruzilhada científica que nos permitiu reforçar a convivência nascida da vida académica e fazer florescer a amizade.

Entre aulas, debates e conversas, a autora jamais esquecia a sua tese, que amadurecia nas cuidadas transcrições dos documentos, na avidez das leituras, nas páginas sucessivamente escritas e reescritas. Porque de tantos arranques e paragens, os seus textos iam-lhe soando pouco insatisfatórios, ou pouco eloquentes, apressando-se então a dar-lhes a volta, quanto um novo arranque sobrevinha. O resultado final que hoje todos podem apreciar constitui um trabalho científico maduro, denso e rigoroso, escrito numa linguagem fluente e incisiva que prende e deleita o leitor, oferecendo conceitos e ideias claras, mas também muitas interrogações e hipóteses avisadas, que soube expor com invulgar clareza.

Treze anos passaram entre a conclusão do texto e a defesa do seu doutoramento, em 1997, e a sua publicação, neste ano de 2010. Treze longos anos que poderiam tê-la conduzido a integrar mais informação, a introduzir alterações ao texto, a actualizar a bibliografia. Mas não o fez, e ainda bem.

O livro agora editado reproduz, assim, na íntegra, o texto original da sua dissertação de Doutorado, possuindo uma arquitectura interna exemplar, que não carece de retoques, nem de acrescentos, encontrando-se dividido em três partes principais, que corporizam quatro capítulos com títulos reveladores de uma estrutura discursiva, assaz idónea. Às cerca de 700 páginas de texto, somam-se dois apêndices e um anexo a que se sucede o elenco das fontes documentais usadas e da bibliografia citada, só ela a ocupar cerca de 80 páginas. Não tendo sido actualizada posteriormente a 1997, a listagem bibliográfica publicada oferece-se, ainda assim, como uma boa matriz de referências para qualquer trabalho que verse a história urbana medieval.

A primeira Parte da obra, designada de «Percurso e protagonismos», subdivide-se em dois capítulos, que ocupam cerca de 180 páginas. No Capítulo I, subordinado ao título «Escolhas e motivações. Um espaço e um tempo, entre fontes e perguntas», a autora situa o âmbito geográfico e cronológico da sua investigação, rastreando, de seguida, as fontes que utilizou e as questões que nortearam a sua investigação, a saber: o espaço construído; os homens e a sua relação com esse mesmo espaço; a relação entre os homens, os poderes e as solidariedades. O Capítulo II dedica-se aos «Percurso e protagonismos», onde elabora sobre as vilas de Guimarães, entre o século X e o século XIII, traçando de seguida a sua evolução entre 1250 e 1389.

A segunda Parte do seu trabalho, que designou de «Espaço construído», compreendendo o Capítulo III, oferece ao leitor 200 páginas de excelente literatura histórica, sobre o meio natural e o espaço edificado. Nele, a autora procurou responder a uma das três questões que constituem o cerne da sua investigação, concretamente o espaço construído, no que respeita à articulação física das duas vilas, entre a colina e o burgo, realizando uma aproximação à morfologia urbana de cada um dos núcleos, valorizando muralhas, portas e ruas, os arrabaldes, bem como as construções e

as destruições. Interessou-lhe a ordenação dos espaços, os traçados das ruas, os caminhos marginais e a relação com as áreas extra-muros e com o mundo rural envolvente, a configuração dos espaços públicos e privados, com as respectivas construções, religiosas, administrativas, ou correntes, bem como as infra-estruturas e as evidências de poços, de fornos, de adegas e de cavalariças. Enfim, um vasto mundo de informações que formaliza o espaço medieval de Guimarães.

A terceira e última parte da obra, que recebeu o título de «Homens, poderes e solidariedades», integra o Capítulo IV, que se desenvolve ao longo de 278 páginas. Nele são equacionados os dados documentais que respondem à sua segunda questão, relacionada com a identidade dos homens que deram forma e expressão ao espaço construído, desde os senhores aos pobres «envergonhados», tendo em vista estabelecer as áreas de investimento estratégico dos diferentes agentes sociais, as suas residências preferenciais, bem como a teia de solidariedades verticais e horizontais, que se estruturaram entre as elites e entre estas e os restantes estratos da população. A abordagem da terceira questão que colocou às fontes, relacionada com o funcionamento das instituições urbanas, designadamente, os concelhos, as igrejas, os mosteiros, as confrarias, as albergarias e hospitais, e a sua articulação com a hierarquia institucional e funcional vimaranense, constitui-se como o objecto do ponto 2 do Capítulo IV, que se designa apropriadamente de «Poderes e solidariedades».

O Capítulo III é porventura o Capítulo onde as fontes compulsadas pela Doutora Conceição Falcão falam mais alto. Começando por valorizar a componente populacional e demográfica, e a sua relação com os fenómenos da Peste Negra e da guerra, a autora elabora, de seguida, um interessante ensaio de sociotopografia urbana, que se lê com grande agrado, apesar da sua extensão. Nesse ensaio fixam-se os homens ao espaço, delineando-se as preferências locativas das elites eclesíásticas e admi-

nistrativas, entre as quais nos vão surgindo a R. de Santa Maria, onde residiram elementos do alto clero e outras famílias prestigiadas, ou a Praça da Igreja, os Açougues, ou as Tendas, cujos prédios eram mais caros e apetecidos pelos senhores religiosos e pelos oficiais do poder local. Também aí são avaliados os lugares de residência de outras franjas da população urbana, designadamente de mercadores e mestrais. A leitura deste capítulo permite-nos percorrer as ruas e os espaços e encontrar as gentes que animavam a vida económica e o quotidiano de Guimarães medieval. Sem dúvida que a articulação dos homens com o espaço constitui uma das temáticas preferidas da autora, que se adivinha no rigoroso e loquaz quadro que nos traça das diferentes componentes da sociedade urbana vimaranense, graças ao cruzamento dos dados de inúmeras fontes e à sua extraordinária capacidade de síntese.

Para elucidar sobre o interesse do Capítulo III, nada melhor que dar voz ao seu texto, que nos adverte sobre o que procura, mas também sobre as suas dúvidas, sobre as fragilidades da investigação, ou sobre o carácter truncado das fontes, e mesmo sobre a evolução do seu pensamento e sobre a sua descrença em metodologias instaladas, numa linguagem quase intimista que facilmente envolve o leitor. Permitimo-nos, por isso, seleccionar alguns excertos que se afiguram ilustrativos do modo como vê os homens e os espaços, e as dúvidas que a perseguem em tão importante matéria.

Assim, na página 453, a autora afirma uma vontade e um horizonte de busca: «Se falar dos homens, sem saber quantos, é uma limitação que, na falta de elementos fiáveis se haverá que assumir, pensamos que o mesmo não pode suceder quando se fala de um espaço construído, em termos de quem o procurou. Guimarães da Vila Baixa, e Guimarães do castelo só existiram porque, em última análise, os homens quiseram. Tivessem sido quantos fossem. Abriram as ruas, deram corpo às casas, organizaram os espaços e ocuparam-nos ao sabor das suas opções e possibilidades. Imprimam-lhe formas e ditaram-lhe funções, entre governantes e governados. E permitiram-nos ver o fervilhar do quotidiano, entre a paz, a peste e a guerra. Cada um no lugar que lhe coube, um universo de pequenas histórias, a compor a história que se procura descobrir».

Mais à frente, na página 454, pode ler-se como as suas dúvidas acicatam o seu método (*ostinato rigore!*): «Após a resposta frustrada, no que se refere a quantos vimaranenses teriam dado expressão à vila e ao Castelo, muitas direcções se nos abriram, no que toca aos homens. Há uns anos contentar-nos-íamos e bastar-nos ia percorrer uns quantos nomes, anotar profissões, arrumar foreiros, proprietários e locatários, calcular umas médias, e definir tendências, para atingir a sensação de que conhecíamos os homens. Ao contrário do que pode supor-se, com mais dez anos a ler documentos, e a estudar a vida urbana de Guimarães, muito maior passou a ser a imensidão das dúvidas, e a descrença dos cálculos, a partir de indicadores de frequência aleatória, e de proveniência direccionada. Muito maior, outrossim, a noção da precariedade do que é possível reedificar-se. E de quão frágeis e transitórias se revelam as nossas afirmações. Tratámos milhares de nomes, recolhemos profissões, procurámos famílias, olhámos as testemunhas e, entre muitos outros exercícios, atentámos nos indicadores de riqueza e pobreza, nos prestígios urbanos, na dimensão e alcance dos negócios, em suma, na vida dos homens. Todavia, quanto mais se apurou, mais cresceu a certeza das lacunas, a par de informações comprometidas, estereotipadas e formais. Sentimos o peso dos hiatos, perdemos o rasto aos homens vezes sem fim, reconstituímos cenários mutilados, decisões acobertadas que não lográmos compreender. A certeza de que visionámos uma panóplia de gestos que diríamos “travestidos” levou-nos a resistir à sedução de manipular homens em cálculos redutores, de números enganoso e espartilhos esquemáticos. Fáceis de conseguir, infundiram-nos tamanha insegurança no presumível valor do exercício, que nos furtámos a fazê-lo, por agora».

320

E na página 455, eis-nos perante a decisão e a convicção do *modus operandi*: «Então decidi-se percorrer rua a rua, tal como se havia feito ao tratar do espaço construído. Em cada rua, os homens que nos chegaram e no enredo em que nos chegaram, ou soubemos descobrir. Anotaram-se elementos socioprofissionais, no ensejo de redesenhar a paisagem possível, entre o espaço e os homens...

Ficou, segundo cremos, um esboço da sociotopografia urbana, ou seja a tentativa de conhecer a sociologia dos espaços, sempre que a informação o permitiu, e compor o cenário socioprofissional. Algo entre espaço e homens e homens e funções...

Mesmo com grandes cortes informativos, alguns cónegos, mercadores, sapateiros, e alfaiates mostraram um dinamismo negocial que explicou, em grande medida, uma outra faceta da distribuição e redistribuição dos poderes. Alguns deles a assumir os traços típicos das oligarquias urbanas».

Assim escreveu Conceição Falcão, podendo ler-se nas suas Conclusões finais, na página 677, uma ou outra frase que julgamos reveladora da investigadora que vive e viverá sempre dentro desta obra:

«Os anos correram. E as Guimarães de 1250 a 1389, que nos surgiam tratáveis com a desejada amplitude e profundidade, foram crescendo. Incontrolavelmente, diríamos. E à medida que se ia caminhando, algo mais crescia, também: a consciência deste edifício interminável, entre o fazer e o refazer a história».

Mais à frente, na mesma página pode ainda ler-se:

«Na hora de desenvolver o que sempre se afigurou, para nós, como mais sedutor, quase encantatório – o estudo dos homens – o minuar apertado do tempo frustrou-nos aturados anos de estudo. Sabíamos que olhar os homens não seria algo a esgotar, nunca, porque eles são a história. Mas foi surpreendente o mundo que

os diplomas lidos nos foram revelando. Milhares de vidas desfilaram perante as nossas perguntas. Cada uma delas, uma história».

... Se agora fosse tempo de começar, corrigir-se-iam, de novo as opções, e limitar-se-ia, bem mais, o projecto que se pensou; se tivéssemos apenas estudado os homens, resultaria; se nos houvéssemos circunscrito ao espaço, não teríamos exaurido as fontes; se nos detivéssemos, tão só, entre poderes e solidariedades, terminaríamos, outrossim a desperdiçar informações. Se... Mas de intenções agora não se cuida, por muito que nos aprazasse dilatar mais um pouco, esta reflexão... Como urge terminar, deixa-se, apenas, algo que para nós são inquestionáveis evidências:

Que por mais acabado que seja qualquer estudo, o seu fim será eternamente provisório.

Que por mais cientificidade que se busque, o universo das certezas é de uma incontrolável fragilidade.

Que na reconstrução de algo não experimental, no mundo exacto dos ensaios laboratoriais, haverão que soerguer-se hipóteses, face às certezas, sem nunca se poder dimensionar a relação entre a história que foi e a que dela se faz.

Que, por fim, fica o mais gigantesco dos «ses»: se pudéssemos cambiar o que sabemos, com o que ignoramos, este estudo talvez se aproximasse da obra-prima. Miragem que a todos escapa. Como escrevera, um dia Saint Exupery, «o homem descobre-se quando se confronta com o obstáculo».

São conclusões deste livro, datadas de 1997, que podem considerar-se modestas, tendo em conta o acervo documental compulsado, o rigor da análise e da interpretação dos textos e o imenso conhecimento que nos trás sobre Guimarães medieval, entre 1250 e 1389.

Mas muito se pode ler na modéstia das palavras que encerram o livro da Doutora Conceição Falcão. Porque conheço o contexto de elaboração deste trabalho, porque conheço a pessoa que com ele cresceu, porque conheço a obra, porque a li duas vezes, permito-me revisitar nas

suas palavras uma importante lição de humildade, que é apanágio dos grandes mestres.

Permito-me, assim, interpelar directamente a autora. Obrigado por nos teres legado esta obra que contigo caminha há mais de duas décadas. Sem dúvida que tardou a sua publicação, entre outros numerosos compromissos que referes, mas, sobretudo, entre as muitas dúvidas que te assaltaram, que em ti permaneceram longos anos e que te levavam sistematicamente a questionar se poderias ter dado mais voz aos documentos e aos homens, mas também aos espaços. Dúvidas, sempre dúvidas, mas também cansaço que naturalmente assiste a todos os autores de trabalhos de grande fôlego, que os terminam quase sempre exauri-

dos. Mas, apesar do tempo, mais uma vez longo, entre a conclusão do texto e a sua edição, durante o qual navegaste por outros rios, satisfizestes outras curiosidades e desenvolveste outras paixões, nada se perdeu. Foi um privilégio ser tua colega, trabalhar e crescer contigo e ter tido oportunidade de ler esta obra, que leva dentro boa parte dos melhores anos da grande medievalista que és.

Concluo, num convite rápido à leitura. Na verdade, não estamos perante uma obra datada, mas perante uma obra de referência. Fundamental para todos os que trabalham ou pretendem trabalhar em história urbana e exemplo de rigor a seguir na investigação histórica.

CONGRESSO «OCEANS CONNECT: NEW DIRECTIONS IN MARITIME STUDIES». HYDERABAD, 2-4 FEVEREIRO 2010

AMÉLIA POLÓNIA (FLUP/CITCEM)
AMÂNDIO BARROS (BOLSEIRO FCT/CITCEM)

Subordinado ao tema «Oceans Connect: New Directions in Maritime Studies», realizou-se em Hyderabad, Índia, um Congresso Internacional, organizado por Rila Mukherjee, da Universidade de Hyderabad, em colaboração com Maulana Abul Kalam Azad, do Institute of Asian Studies (Kolkata), vocacionado para a análise das relações e transferências inter-oceânicas entre os séculos XV e XIX. O «call for papers» do Congresso é claro quanto aos seus objectivos e orientações científicas: «*We undertake, in this conference, to study oceanic systems as a global whole without losing sight of specific attributes and connections. Flows, rather than mere interactions, will be emphasized.*»

Entre os temas propostos destacamos os tópicos:

1. *Regimes of law: laws of the seas, maritime codes, custom, customary law.*

2. *The rule of finance: who finances and for what?*
3. *Social, cultural, scientific, religious networks.*
4. *Political and economic networks from the first global age to the present.*
5. *New frontiers? How can we (re)vision oceanic linkages between the Indian Ocean, the Mediterranean, Atlantic and Pacific worlds?*
6. *Rules of time, regimes of history: how can we move out of the straitjacket of the early modern to understand links and networks in the first global age?*
7. *Can we talk of an earlier global age? In what is this spatially and conceptually distinct from the first global age of 1400-1800?*

No programa do evento destacava-se a presença de consagrados historiadores, especia-

listas em estudos do Oceano Índico. Entre outros, estiveram presentes Om Prakash, da Delhi School of Economics, New Delhi, com vasta e reconhecida obra sobre a economia asiática na Época Moderna, e Paul D'Arcy, Senior Fellow, membro da Division of Pacific and Asian History, Research School of Pacific and Asian Studies, da Australian National University, autor de diversos estudos se centram nas dinâmicas do Pacífico. Enquanto estudiosos do Atlântico, encontravam-se presentes Ana Crespo Solana (CSIC, Madrid), Amândio Barros e Amélia Polónia (CITCEM, Universidade do Porto).

Adequando as suas apresentações aos principais tópicos propostos pelo «call for papers», Ana Crespo Solana falou de «Network versus national communities in the first global Hispanic Atlantic. Comparative Visions and literature»; Amélia Polónia apresentou uma comunicação intitulada «Jumping frontiers, crossing barriers. Technical and human transfers between the Mediterranean, the Atlantic and the Indian Oceans. A Case Study of the Portuguese overseas expansion», enquanto Amândio Barros se centrou na análise de «Self-organized merchants within State structures. Comparing Portuguese merchants' performance in the Atlantic System and in the Indian Ocean (16th-17th centuries)».

O estudo dos portos, das suas dinâmicas de implantação, de consolidação e de projecção foram objecto de um painel intitulado *Ports, Routes and Hinterlands, Oceanic Systems e Information networks as highways of communication*. Das diversas comunicações apresentadas neste painel, destaque-se, no âmbito do último subtema, a de Radhika Seshan, da Universidade de Pune, Índia, sobre «Human Networks in the pre-modern world: Rumours of piracy in Surat», a qual constituirá potencial alavanca para um futuro encontro científico sobre o boato em meios marítimos, com o título provisório «Gossip and maritime dynamics».

O cruzamento de olhares interoceânicos, inter-continentais e interculturais foi uma permanente deste Congresso, que só tornou ainda mais óbvia a necessidade de fomentar diálogos, capazes de propiciar a ultrapassagem de fronteiras entre escolas historiográficas, e, mais ainda, entre investigadores que se dedicam ao estudo e ao debate interdisciplinar dos diferentes processos de globalização. Outros encontros ficaram na forja, em ordem a alimentar este desiderato.

Numa última nota: deve referir-se que está prometido um volume de actas relativo a este Congresso, «Oceans connect», cuja publicação ocorrerá em finais de 2011.

CONGRESSO INTERNACIONAL «QUARTO CENTENARIO DELLA MORTE DI PADRE MATTEO RICCI (1552-1610). IMMAGINI DI MACAO E DELL'ORIENTE NELLE LETTERATURE DI LINGUA PORTOGHESE: TIMORI E SEDUZIONE». FLORENÇA, 10-11 MARÇO 2010

ZULMIRA SANTOS
(UNIVERSIDADE DO PORTO/CITCEM)

Matteo Ricci [1552-1610], o missionário jesuíta que de si dizia «mi sono fatto barbaro per l'amore di Christo», morreu em Pequim, em 11 de Maio de 1610, no mesmo ano da publicação do *Sidereus nuncius* de Galileu. Tinha cinquenta

e sete anos de idade e vivia desde há vinte e oito na China. Quando faleceu, não eram muitas as conversões conseguidas, mas eram-no, seguramente, as críticas às estratégias missionárias que tinha vindo a desenvolver, num enorme esforço

de adaptação cultural – objecto, mais tarde, no início de Setecentos, da conhecida querela dos «ritos chineses» –, e que o tinham levado, como ele próprio afirmava, a actuar «fatto Cina», plenamente consciente de que «dopo la Cina è Cina mai vi è memoria che nessun forestiere stesse in essa come noi stiamo».

Evocando os 400 anos da sua morte, a *Cattedra de Letteratura Portoghese e Brasiliana* do Dipartimento di Letteratura Comparata da Facoltà di Lettere della Università degli Studi di Firenze organizou, com o apoio do Instituto Camões e de outras organizações italianas e portuguesas, o colóquio intitulado «Quarto Centenario della morte di Padre Matteo Ricci (1552-1610). Immagini di Macao e dell'Oriente nelle Letterature di Lingua Portoghese: Timori e Seduzioni». As conferências que iniciaram e encerraram o colóquio, proferidas por docentes da Faculdade de Letras da Universidade do Porto – Isabel Pires de Lima («Macao e o Oriente: transfuncionalidade e identidade do romance português contemporâneo») e Arnaldo Saraiva («A *Peregrinação* de Fernandes Mendes Pinto e a teoria da literatura de viagens»), investigador do CITCEM, emolduraram simbolicamente a inversa cronologia da presença portuguesa no Oriente, objecto das diferentes intervenções de um conjunto de estudiosos oriundos da Universidade do Porto (para além de Isabel Pires de Lima e Arnaldo Saraiva, já referidos, Maria de Fátima Marinho, Isabel Morujão, Maria João Reynaud e Zulmira Santos, todos investigadores do CITCEM, e Maria de Fátima Outeirinho, do ILC – Instituto de Literatura Comparada), da Universidade Nova de Lisboa (Maria do Rosário Santos e Maria Pimentel), do Istituto Universitario Europeo di Fiesole (Lúcio de Sousa) da Fundação Macau (Wu Zhiliang), da Universidade de Macau (Yufan Hao, George Wei, Christopher Kelen, Yao Jingming), da Universidade de Chieti – Pescara (Sílvia La Regina), da Universidade de Torino (Alain Tournier), Universidade de Lisboa (Marta Pacheco Pinto, Egídia Souto, Serafina Martins,

Rogério Puga), da Sorbonne Nouvelle – Paris III (Egídia Souto), da Universidade de São Paulo (Monica Simas), da Universidade de Bristol (Gustavo Infante e David Brookshaw), da Universidade de Nuim of Maynooth Irlanda (John Kinsella), da Universidade del Salento-Lecce (Gina Luigi da Rosa), da Universidade de Pádua (Barbara Gori) e da Universidade de Florença (Michela Graziani). Examinando o diálogo entre Ocidente e Oriente, ao longo de mais de cinco séculos, este encontro científico, que Piero Ceccucci e Michela Graziani organizaram com tanto empenho, recordou, de muitos modos, e também pelos diferentes tipos de projecção em tempos mais recentes, a actividade «intercultural» de Matteo Ricci, chegado a Goa em 15 de Setembro de 1578, depois de ter estado em Lisboa e em Coimbra, onde terá aprendido a falar Português. Camilo Pessanha, Wenceslau de Moraes, Agustina Bessa Luís, Yao Feng, Luís Gonzaga Gomes, Fernanda Dias, Sarmiento de Beires, Bernardo de Carvalho, Ana Maria Amaro propiciaram, através dos respectivos textos, olhares cruzados nesse universo de encontro entre Ocidente e Oriente, mas Ricci e o seu tempo também foram evocados pelo belo e estimulante *Tratado sull'amicizia*, pela obra do dominicano Gaspar da Cruz, *Tratado das Cousas da China* (1570), ou pela acção dos comerciantes toscanos na China no século XVI. A apresentação de comunicações, que versaram temas e formas diversas da relação da literatura portuguesa com o Oriente, e muito especialmente com Macau e a China, e o debate suscitado tornaram-se uma forma de recordar a figura deste jesuíta, aluno do célebre matemático Cristóforo Clavio, para quem ensinar «ciência» – dos mapas, aos relógios... – se foi tornando uma forma de sociabilidade, no sentido de um encontro de culturas, mas também, e essencialmente, no espírito das lusas «letras», um meio privilegiado de evangelização.

A criação da Cátedra Fernando Pessoa, na Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Florença, vocacionada para a formação

científica e pedagógica de docentes, investigadores e estudantes, em áreas do ensino do Português Língua Estrangeira, Literatura Portuguesa e dos Países Africanos de Língua Portuguesa,

terá sido o relevante corolário deste encontro que promoveu a evocação de um italiano, também ele falante de Português, nas terras do celeste império.

II WORKSHOP DE ESTUDOS MEDIEVAIS

FLÁVIO MIRANDA
(UNIV. PORTO/BOLSEIRO FCT/COLAB. CITCEM)

O Grupo Informal de História Medieval (GIHM) da Universidade do Porto organizou, com o apoio do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) e com a co-operação do Instituto de Estudos Medievais (IEM) da Universidade Nova de Lisboa, a segunda edição do Workshop de Estudos Medievais (WEM), que decorreu nos dias 29 e 30 de Abril de 2010.

O WEM dividiu-se em três sessões teóricas nas quais dez oradores provenientes de várias universidades de Portugal (Porto, Coimbra e Nova de Lisboa) e de Espanha (Cantábria) apresentaram os seus trabalhos a uma vasta plateia composta não só por licenciandos, mestrandos e doutorandos, mas também por investigadores e docentes universitários de todos os graus. Estiveram presentes quatro dos cinco catedráticos em História medieval, merecendo destaque a presença de José Mattoso.

Uma mesa-redonda sobre o futuro dos jovens investigadores em Estudos Medievais, sob a coordenação de Maria de Lurdes Rosa (IEM/UNL), reuniu grande parte dos medievistas nacionais, maioritariamente historiadores, tendo-se discutido os obstáculos existentes ao acesso à carreira académica. O ponto alto da discussão centrou-se na inexistência de representantes dos estudos medievais nos painéis de avaliação de projectos da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, que nos últimos anos tem rejeitado os projectos de História Medieval colocados a concurso.

O sucesso e originalidade do WEM, que tem congregado investigadores de todo o país e de várias áreas científicas, espera continuar a atrair jovens mestrandos e doutorandos para a sua terceira edição, que se realizará nos dias 14 e 15 de Abril de 2011. Informações, programa e imagens em <URL: <http://www.gihmedieval.com>>.

COLÓQUIO «O FAIAL E A PERIFERIA AÇORIANA NOS SÉCULOS XV A XIX»

PAULO TEODORO DE MATOS
(COLABORADOR DO CITCEM – GRUPO DE HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES)

O Colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana nos séculos XV a XIX*, organizado pelo Núcleo Cultural da Horta e pela Câmara Municipal, realiza-se desde 1993 e conta já com 5 edições.

O seu objectivo central é o da promoção da historiografia das ilhas com menor destaque económico e político. Com efeito, apesar da ampla renovação historiográfica ocorrida após

a Autonomia, a análise histórica tem incidido sobretudo sobre as ilhas de S. Miguel e Terceira. Esta orientação, certamente também justificada pela maior abundância documental, tem negligenciado o conhecimento da história local dos espaços mais remotos do arquipélago e, conseqüentemente, contribuído para uma visão algo enviesada da história dos Açores.

As contribuições do Colóquio enquadram-se em diversas temáticas com destaque para a «Exploração do Atlântico e descobrimento das ilhas», «Modelos, soluções e contradições do povoamento insular», «Organização administrativa e desenvolvimento económico», «Sociedade, população e diáspora» e «Quotidianos, cultura e património». O Colóquio também assinala e promove o estudo de acontecimentos estruturantes da realidade insular. Foram os casos das últimas três edições dedicadas aos «550 anos do descobrimento das Flores e Corvo» (2003), ao «Bicentenário do Consulado dos EUA nos Açores: o tempo dos Dabney» (2006) e, mais recentemente, quer às comemora-

ções do I centenário da República quer aos quinhentos anos da criação do município do Topo na ilha de São Jorge (2010).

A quinta edição do Colóquio *O Faial e a Periferia Açoriana* ocorreu em Maio de 2010 nas ilhas do Faial e São Jorge, reunindo cerca de 40 participantes. Além das entidades mencionadas foi co-organizada pelo Centro de História de Além-Mar das Universidades Nova de Lisboa e Universidade dos Açores e pela Santa Casa de Misericórdia de Velas. Como vem sendo tradição, o colóquio contou com a presença de várias gerações de estudiosos de Portugal e do estrangeiro com domínios de especialização na história açoriana, literatura, linguística, arquitectura, ciência política e ciências exactas. Realce-se, também, a participação de consagrados académicos como Eugénio dos Santos, Maria Filomena Mónica, Onésimo de Almeida e Sérgio Campos de Matos, alguns dos quais, não sendo especialistas da história açoriana, a ela dedicaram importantes contributos.

OFICINA SOBRE RELAÇÕES ANGLO-PORTUGUESAS E FORMAS DE CONTACTO NA EUROPA MEDIEVAL. OXFORD, MAIO 2010

TIAGO VIJLA DE FARIA
(ST. JOHN'S COLLEGE, OXFORD/BOLSEIRO FCT/COLAB. CITCEM E IEM)

Decorreu no passado dia 28 de Maio, organizada por um membro do CITCEM e com a participação de dois outros, uma oficina de investigação e debate intitulada «*in Portugalia... trans Neptunum – English and Portuguese in Exchange (1100-1500): a one-day workshop on forms of international contact in medieval Western Europe*». Este encontro teve lugar no Colégio de S. João Baptista (St. John's College), na Universidade de Oxford, e teve cerca de 25 participantes. O mote foi, então, dado pelo tema «exchange» (traduzível por «troca»).

O cenário anglo-português medieval é caracterizado por eventos-charneira como a assinatura de tratados e a negociação (em dois casos bem sucedida) de casamentos entre membros das duas casas reinantes, mas também por um relacionamento continuado a vários níveis (económico, social e cultural, entre outros). Esta história, feita da combinação de acontecimentos pontuais significativos e de uma interacção diacronicamente ampla, permitiu que se usasse o caso anglo-português como ponto de partida para uma discussão alargada sobre a plurivalência e a caracteriza-

ção de formas de contacto «internacional» na Europa medieval.

Os principais objectivos do encontro foram o debate orientado para a questão do contacto e da interacção neste período, tomando como principal exemplo o caso anglo-português, e, ao mesmo tempo, procurar actualizar o questionário de investigação em torno das relações entre Portugal e Inglaterra na Idade Média – «requalificá-las» no seu estudo, para usar uma expressão corrente. Pretendeu-se também, com esta iniciativa, estimular o interesse, no meio académico britânico, e nesta universidade em particular, pela História e Cultura Portuguesas (e, claro, Anglo-Portuguesas), fomentando, igualmente, o diálogo entre historiadores especializados em áreas relacionadas.

As intervenções dos participantes ordenaram-se em torno de dois painéis. No primeiro, «Society and space», moderado por Hannah Skoda (Univ. Oxford), entrevistaram os membros do CITCEM, Luís Miguel Duarte (Univ. Porto) e Flávio Miranda (Univ. Porto/Univ. Valladolid), que abordaram, respectivamente, as dinâmicas dos contactos comerciais entre os dois países e a criação, manutenção e significado do mito da aliança anglo-portuguesa. Catherine Holmes (Univ. Oxford), na sua reacção a estas comunicações, trouxe à discussão elementos do Levante europeu, acrescentando também perspectivas da história monetária e da arqueologia.

No segundo painel, intitulado «Individuals at intersections», que eu próprio moderei, Olga Cecilia Méndez (Univ. East Anglia) alargou o espectro geográfico para Castela e Norte de África, apresentando o caso do bispo Lope Fernández, agente diplomático em Inglaterra, enquanto Manuela Santos Silva (Univ. Lisboa) falou das transformações operadas na corte portuguesa por influência da Rainha Filipa de Lencastre. A análise e discussão iniciais estiveram a cargo de Maria João Branco (Univ. Aberta), que apontou várias premissas comuns ao relacionamento e cooperação institucional entre estados, dando exemplos de Portugal, Castela e Inglaterra.

Antes de se dar início a um debate geral envolvendo os oradores e os restantes participantes inscritos, John Watts (Univ. Oxford) sintetizou os temas abordados durante o dia numa intervenção final – «Negotiating the *other*: identities and exchange». Nesta intervenção, e mais tarde no debate, foram ampliadas as perspectivas sobre os temas em análise, introduzindo-se, por exemplo, a questão da utilização da língua e do texto em contexto(s) medieval (ou medievais), a questão da definição de fronteiras (perguntando-se o que constitui e define, afinal, uma fronteira), ou a questão de ter realmente existido – ou não – uma relação privilegiada entre a Inglaterra e Portugal nesse período. Foi também notória, no conjunto das intervenções, a importância dada à necessidade de serem ponderadas várias disciplinas científicas e métodos historiográficos complementares para se levar a cabo caracterizações mais rigorosas e «realistas» da interacção e das formas como ela se expressa, na Idade Média.

É de assinalar a composição variada da audiência, entre investigadores e especialistas em História Medieval (ibérica e norte-europeia), em História Moderna e em História Contemporânea, em Linguística Portuguesa, em Literatura Portuguesa, em História Militar e em História da Arte. Vários destes participantes viajaram de outras partes do país. Alunos de licenciatura estiveram, infelizmente, ausentes.

Na sequência do encontro, os oradores puderam deleitar-se com a igualmente variada gastronomia disponível em Oxford, conseguindo de uma forma geral escapar com sucesso à cozinha autóctone. Tivemos também a inesperada oportunidade de admirar uma mostra de livros antigos portugueses, espólio de uma das bibliotecas colegiais. Estas e outras ocasiões sociais complementaram um evento que (exceptuando a referida ausência de estudantes não-especializados) cumpriu todos os objectivos previamente traçados.

Antevê-se a publicação de trabalhos de investigação baseados nos resultados desta oficina e nas ideias que aí foram partilhadas e

discutidas. O artigo «Diplomacia e comércio entre Portugal e Inglaterra no final da Idade Média», incluído neste número da *CEM*, é o primeiro resultado visível.

O encontro «in Portingalia... trans Neptunum» pôde concretizar-se graças ao apoio das seguintes entidades: Oxford Centre for Medieval History; Oxford University Faculty of History

Research Committee; St. John's College, Oxford; The Royal Historical Society. Devem-se ao CITCEM e à Fundação para a Ciência e Tecnologia apoios complementares à deslocação de oradores. «Not the least», o aconselhamento, a ajuda e a amizade de Maria João Branco, Flávio Miranda e John Watts foram imprescindíveis – obrigado!

IX CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO DE DEMOGRAFIA HISTÓRICA

ANTERO FERREIRA

(MEMBRO DO CONSELHO DIRECTIVO DA ADEH/INVESTIGADOR DO CITCEM – GRUPO DE HISTÓRIA DAS POPULAÇÕES)

Realizou-se na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, de 16 a 19 de Junho de 2010, o IX Congresso da Associação de Demografia Histórica (ADEH), dando corpo ao principal objectivo desta associação: promover o estudo e o conhecimento das populações do presente e do passado, numa perspectiva interdisciplinar. A organização esteve a cargo da ADEH e do Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores.

O congresso teve início no dia 16 de Junho, com uma sessão plenária intitulada «Demografia das Ilhas», em que foram apresentados os últimos estudos sobre espaços insulares: Açores, Baleares, Madeira e Canárias. Nos dias seguintes, o congresso estruturou-se em trinta sessões paralelas, possibilitando a apresentação e debate dos temas que estão presenteemente a ser investigados. O número de sessões paralelas e de comunicações apresentadas são um sintoma da vitalidade da ADEH e deste campo interdisciplinar de investigação. Não sendo possível, neste espaço, expor em detalhe os múltiplos contributos apresentados neste encontro, destacaríamos algumas das temáticas que foram abordadas: Paleodemografia em Espanha e Portugal; novos métodos e fontes em Demografia Histórica; estudos de mobilidade e migrações, mortalidade, fecun-

didade e nupcialidade; população e condições de vida; assistência social; políticas de população; etc.

Destacamos ainda a conferência proferida por Michel Oris, da Universidade de Genève, no dia 18 de Junho, intitulada «Démographie historique et sociale: Les arbres et les forêts». Michel Oris apresentou uma genealogia teórica dos dois grandes campos de investigação representados neste congresso: a Demografia histórica e a História da família. Constatou ainda a dificuldade que as linhas de investigação actuais têm em produzir grandes sínteses ou sistemas explicativos da realidade que estudam (é tal o volume de informação, «as árvores», que dificilmente são conseguidas explicações sistemáticas e globais, impedindo uma visão da «floresta»).

O congresso foi considerado um êxito por organizadores e por participantes, não só pela qualidade da organização, mas, fundamentalmente, pelo número, diversidade e qualidade das comunicações apresentadas, que brevemente poderão ser consultadas na página Web da ADEH (<URL: <http://www.adeh.org/>>).

Após a sessão de encerramento, foi votada, em Assembleia-Geral de sócios da ADEH, a realização do próximo congresso em 2013, na cidade de Albacete.

DESLOCAÇÕES CRIATIVAS: COLÓQUIO INTERNACIONAL

ANA PAULA COUTINHO (FLUP/DEPER)

Apoiado pelo eixo programático «República das Letras» das Comemorações do Centenário da República, com o objectivo de articular questões como «Nação», «Literatura» e «Cidadania», teve lugar, nos dias 18 e 19 de Junho de 2010, o Colóquio Internacional «Deslocações Criativas», organizado por Ana Paula Coutinho, Maria de Lurdes Sampaio e Paulo Eduardo Carvalho, investigadores do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILC), uma I&D sediada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

O evento, que contou com a participação de dezassete investigadores, dos quais quatro de universidades estrangeiras (Brasil, Espanha, França e Grã-Bretanha), integrou-se na linha de pesquisa «Interculturalidades», que reúne alguns dos membros do ILC e cujas actividades se cruzam em torno da ideia de deslocação, tendo inclusive começado a desenvolver uma base digital *Ulyssesi@s*, alojada no site do ILC, sobre escritores e outros criadores em deslocação.

Encarada nas suas diferentes modalidades e consequências estéticas, conjugada com o conceito de liminaridade, a investigação em torno da deslocação apresenta a particularidade estratégica de concentrar em si realidades e desafios galvanizadores da contemporaneidade, pelo que o Instituto de Literatura Comparada tem procurado acompanhar esta questão através de uma análise relacional, teórica e culturalmente contextualizada.

O Colóquio desenrolou-se em dois momentos e espaços distintos: ao longo do dia 18 e na manhã do dia 19, teve lugar na Faculdade de Letras do Porto o encontro científico e interdisciplinar, de recorte mais assumidamente académico, onde foi possível escutar e discutir vários casos de (re)criações literárias de deslo-

cações físicas e metafóricas que marcaram de algum modo o panorama cultural português e/ou estrangeiro ao longo do último século.

Na tarde do dia 19, o Encontro deslocou-se para o auditório da Biblioteca Almeida Garrett, de molde a alargar a reflexão e a implicar também os próprios criadores, abrindo ao mesmo tempo o diálogo a um público mais vasto e diversificado. Aí tiveram lugar as designadas «Conversas Cruzadas», reunindo um conjunto expressivo de oito criadores portugueses das mais diversas áreas (Lídia Jorge, Mário de Carvalho, Margarida Cardoso, Luís Quintais, Duarte Belo, Manuel Graça Dias, Nuno Carinhas e Pedro Abrunhosa), que foram convidados a explorar e a partilhar as motivações e consequências artísticas das diferentes «deslocações» que têm pontuado os respectivos percursos nas áreas da Literatura, do Teatro, do Cinema, da Música, da Arquitectura e da Fotografia.

Todos os participantes e o público em geral puderam, entretanto, ver no átrio do auditório a exposição de fotografia de João Tuna sobre os espectáculos do Teatro Nacional de São João no estrangeiro, montada expressamente para esta ocasião.

A vertente intrinsecamente performativa deste Colóquio sobre «Deslocações Criativas» viria a culminar com a leitura encenada de um texto dramático inédito de Ana Luísa Amaral, *Próspero Morreu*, onde a autora convoca, deslocando-as, vozes de tempos diferentes e tradições diversas.

Os *Cadernos de Literatura Comparada*, no seu número de Dezembro de 2010, reunirão os principais contributos e momentos deste Colóquio, incluindo um trabalho audiovisual sobre as referidas Conversas Cruzadas.

COLÓQUIO «O PAPADO LIMITADO: LEGADOS, JUÍZES DELEGADOS, LIMITES / THE LIMITED PAPACY: LEGATES, JUDGE DELGATES, LIMITS». LISBOA, 9-10 JULHO 2010

MARIA CRISTINA CUNHA (FLUP/CITCEM)

O Colóquio anunciado em epígrafe, uma co-organização do Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, da Akademie der Wissenschaften zu Göttingen e do Projecto «Pontificado Romano» da Universidade de Santiago de Compostela, teve lugar numa sala da Biblioteca da Universidade Católica de Lisboa e contou com a presença de investigadores oriundos de diversas universidades, bem como de outras instituições de investigação científica. Conforme o tema enunciado, procurou-se, nestes dois dias, analisar o complexo mundo do poder pontifício, com especial incidência na reflexão sobre o papel dos juizes delegados e dos legados papais, mas não esquecendo a importância do estabelecimento dos limites diocesanos.

Tendo em conta os objectivos enunciados, as comunicações apresentadas foram divididas em quatro secções, começando, naturalmente, por uma dedicada a «questões gerais», a que se seguiram outras dedicadas aos limites (secção II), aos legados (secção III) e, finalmente, aos juizes delegados (secção IV).

A primeira comunicação apresentada versou sobre «O alcance das decisões pontifícias depois da viragem na História do Papado», na qual o Prof. Rudolf Schieffer, da Universidade de Munique, se dedicou à análise do modo como os decretos e decisões papais eram difundidos na cristandade (sobretudo durante e após o pontificado de Gregório VII) através de privilégios e *epistolae decretales*, bem como nos concílios onde bispos, abades, leigos e vários reis cristãos se congregavam para promulgar decisões que todos deveriam observar. Ainda dentro da Secção I, o Prof. Thomas Deswarte lembrou que as relações entre os cristãos do Norte da Península Ibérica e o papado antes de Alexandre II eram raras, o que

é patente nos livros litúrgicos chegados até nós. A análise do *Liber Ordinum RAH 56*, proposta por aquele professor da Universidade de Poitiers no trabalho apresentado («Les liturgies hispanique et romaine dans le Liber Ordinum RAH 56»), mostra claramente as vicissitudes motivadas pela supressão do rito hispânico num livro específico: por um lado, o códice foi objecto de manipulações, que reflectem a recusa «consciente e explícita» do primado romano, e, por outro, é nele patente a vontade de manter o rito tradicional, dando ao manuscrito apenas um aspecto romano. A Secção I do Colóquio terminou com o estudo do Prof. Werner Maleczek, de Viena, sobre «O cardinalato de meados do século XII a meados do século XIII». Constituído, durante todo este período, por um universo de 170 homens, observa-se que a composição do colégio cardinalício diminuiu sensivelmente (de 30 para 15 cardeais), provavelmente por ser mais fácil ao Papa controlar um grupo mais pequeno de oficiais detentores de muito poder, já que estavam envolvidos na administração pontifícia sob múltiplas formas, como a fórmula documental *de fratrum nostrorum consilium* deixa entrever.

A secção dedicada aos limites diocesanos iniciou-se com a intervenção do Prof. F. Lopez Alsina, de Santiago de Compostela. No estudo «El Parochiale Suevum y su presencia en las cartas pontificias», foi analisada a forma como muitos bispos do ocidente peninsular utilizaram a *divisio Teodomiri* como instrumento de prova quando apelavam a Roma para garantir os seus direitos, não hesitando as sés mais antigas em acrescentar um ou mais nomes à lista de *parrochiae* pertencentes à sua diocese. Já relativamente ao território português, e partindo das questões que opuseram os bispos

do Porto aos seus vizinhos da margem sul do Douro por motivos relacionados com as fronteiras diocesanas, entre 1114 e os finais do século XII, a signatária da presente notícia apresentou um estudo («Coimbra e Porto: episcopados e formação da identidade nacional no contexto das querelas sobre limites diocesanos») no qual se procurou perceber o modo como essas questões se podem integrar na evolução eclesiástica que acompanhou o processo político da formação de Portugal.

A Dr.^a Úrsula Vones-Liebenstein, da Universidade de Colónia, dedicou-se ao lado oriental da Península Ibérica, estudando «Narbona metropolis: fronteiras entre os interesses espirituais e temporais na construção de um senhorio», contrapondo uns e outros aspectos, e acompanhando as vicissitudes da formação daquela metrópole. Já o Prof. José Luis Martín (Universidade de Salamanca) se dedicou a outra zona do território peninsular, apresentando a evolução das fronteiras políticas e eclesiásticas do ocidente peninsular («Problemas de límites en las diócesis vecinas de Castilla y Portugal en la Edad Media»), abordando a intervenção do Papa, dos reis de Portugal e de Castela, bem como de outras autoridades no estabelecimento de um mapa diocesano «definitivo».

O segundo dia do Colóquio começou com a secção dedicada aos legados pontifícios. Com vista à divulgação dos resultados da investigação que efectuou no âmbito do projecto «Censimento», que visa o levantamento dos documentos pontifícios originais de 1198 a 1417, o Dr. Gerhard Sailer apresentou «Documentos pontifícios em Portugal entre 1198 e 1304: um contributo para o *Censimento*», e analisou, sob diferentes aspectos, os cerca de 430 exemplares que reuniu.

Como representantes da Cúria, foram muitos os cardeais que foram enviados para todas as regiões da cristandade ocidental e da Terra Santa para implementar o primado da jurisdição papal. A Prof.^a Claudia Zey, da Universidade de Zúrique, estudou os limites

deste processo em «Legados nos séculos XII e XIII: possibilidades e limitações», através da comparação de várias legacias para áreas remotas (como a Península Ibérica, a Escandinávia e a Terra Santa).

No contexto do papel desempenhado pelos legados pontifícios, foi apresentado pelo Professor da Universidade de Colónia, Ludwig Vones, um “estudo de caso”: a actividade de Ricardo de Marselha, legado na segunda metade do século XI, foi analisada em «Legação e Concílio: o legado Ricardo de Marselha e a actividade conciliar na Península Ibérica», tendo em atenção aspectos essenciais como a reestruturação da igreja hispânica, a introdução do rito romano, a reforma de mosteiros, etc.

A cargo do Prof. Santiago Domínguez Sánchez, da Universidade de Léon, esteve «El papel de los legados y de los jueces pontifícios en la lucha de los obispos de Léon y Lugo por Triacastela». Mais um “estudo de caso”, em que se mostra as vicissitudes da luta pela posse de um território, o arceidiagado de Triacastela, na qual intervieram vários pontífices, cujas decisões colidiam com os interesses das duas dióceses em questão. Intervenções pontifícias que se repetiram em diversas ocasiões, e que foram analisadas para o caso concreto de um cardeal da maior importância para a evolução da igreja peninsular: trata-se do estudo «A legacia de Jacinto na Península Ibérica» no qual o Dr. Ingo Fleish, apresentou os diferentes aspectos de que se revestiu a presença daquele legado no território peninsular.

As três últimas comunicações foram dedicadas aos juizes delegados. A Prof.^a Maria João Branco, da Universidade Aberta, reflectiu «Acerca dos critérios para nomeação de juizes delegados para as questões portuguesas», procurando descobrir a lógica e a razão de ser da nomeação de algumas personagens em detrimento de outras, em diferentes questões ocorridas entre os meados do século XII e o fim do pontificado de Honório III.

Vindos da Academia das Ciências de Göttingen, os Drs. Daniel Berger e Frank Engel

abordaram igualmente o papel dos juizes delegados em dioceses hispánicas. O primeiro estudou «O labor dos juizes delegados na Diocese de Burgos, durante o século XII e os inícios do XIII: motivos, procedimentos e efectividade», tendo verificado que os bispos tanto usaram o instrumento da jurisdição delegada para consolidar ou clarificar os seus direitos na sua diocese, como ignoraram as sentenças dos delegados. Frank Engel, por seu lado, analisou «A diocese de Ávila e o trabalho dos juizes delegados durante o século XII».

O Colóquio terminou com a Conferência de encerramento proferida pelo Prof. Agostino Paravicini, da Universidade de Lausanne.

Numa abordagem globalizante, foram colocadas questões comuns a todos os processos de intervenção de Roma numa área geográfica tão extensa como era a da cristandade medieval. «Colocou o Papado limites à sua “plenitudo potestatis”?» foi o título desta intervenção, que analisou, do ponto de vista da Santa Sé, as condicionantes que se punham à implementação das determinações pontifícias.

Para terminar, cumpre registar o interesse com que os participantes neste Colóquio seguiram as abordagens apresentadas, mostrando que, em Portugal, a História da Igreja, em geral, e do papado, em particular, são objecto de uma atenção crescente entre os investigadores.

RECOVERING THE STORY: CHICAGO HOUSE AND ITS LIBRARY

ROGÉRIO SOUSA
(INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – NORTE/BOLSEIRO FCT/INVESTIGADOR CITCEM)

Em 19 de Julho de 2010, Marie Bryan, membro da missão epigráfica do Instituto Oriental da Universidade de Chicago, proferiu uma palestra na Biblioteca Central da FLUP, intitulada «Recovering the Story: Chicago House and its Library». Esta iniciativa foi resultado de uma organização conjunta entre o CITCEM e a Biblioteca Central, integrando-se no plano de actividades promovidas no âmbito do acordo bilateral celebrado entre a Biblioteca Central e a Bibliotheca Alexandrina.

A Chicago House foi fundada em 1924 pelo Instituto Oriental da Universidade de Chicago, com o intuito de proceder ao levantamento epigráfico dos monumentos de Luxor, uma das mais importantes e extensas áreas arqueológicas do mundo. A ameaça crescente de deterioração dos monumentos faraónicos, em virtude do desgaste acelerado provocado pelas

alterações ambientais e crescente pressão demográfica, tornou a missão de registo das inscrições e das cenas representadas nos monumentos cada vez mais valiosa e urgente.

A missão epigráfica da Chicago House é empreendida por uma equipa constituída por egiptólogos, artistas, fotógrafos, conservadores e bibliotecários. A Biblioteca da Chicago House é uma biblioteca universitária criada para apoiar a investigação egiptológica no terreno e possui um dos melhores espólios bibliográficos da especialidade. Para além do seu valor científico, a Biblioteca da Chicago House constitui um importante ponto de encontro da comunidade científica internacional, promovendo o debate e a troca de experiências entre as diferentes missões que trabalham na região arqueológica de Luxor. Marie Bryan é a Bibliotecária-chefe da Chicago House desde 2004.

CONGRESSO INTERNACIONAL «AS ILHAS DO MUNDO E O MUNDO DAS ILHAS / THE ISLANDS OF THE WORLD AND THE WORLD OF THE ISLANDS». FUNCHAL, 26-30 JULHO 2010

INÊS AMORIM (FLUP/CITCEM)

O Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA), sediado no Funchal, organizou, de 26 a 30 de Julho de 2010, o Congresso internacional subordinado ao tema *As Ilhas do Mundo e o Mundo das Ilhas*. Com a participação de investigadores das *Universidades de Espanha, França, Brasil, Estados Unidos, Japão e Portugal*, no âmbito dos 25 anos daquele centro, correspondeu à vontade de realizar uma viragem organizacional e uma reflexão acerca do seu percurso futuro, fruto da programação preparada já em 2009 (<URL: <http://www.madeira-edu.pt/tabid/1236/language/pt-PT/Default.aspx>>), com a criação, inclusivamente, de uma comissão científica internacional.

São bem conhecidos os encontros organizados por esta instituição e as múltiplas publicações que, entretanto, foram surgindo, destacando-se o papel empenhado do seu presidente, Doutor Alberto Vieira. De alguma forma, este encontro, com destaque para o mundo insular (Madeira, Açores, Cabo Verde, Canárias, Córsega, Sardenha e ilhas da costa sul-americana), sublinhou esta herança projectiva. Apostada na reunião de especialistas no domínio dos estudos insulares que, a par de outros tantos contributos de investigadores, de múltiplas proveniências científicas, nomeadamente de jovens investigadores, pareceu fundamental à organização criar um ambiente de debate.

Os estudos apresentados foram produzidos por investigadores de diferentes áreas disciplinares, como sejam a Geografia, a História, a Literatura, a História de Arte, o Direito, a Arquitectura, a Economia, a Biologia, a Engenharia, assim como por mediadores das áreas do Turismo e Comunicação.

O encontro tornou-se, assim, uma plataforma interdisciplinar, que surtiu numa sur-

preendente e dinâmica troca de experiências científicas e operacionais. Espera-se que, num futuro, este modelo frutifique, tanto mais que, pessoalmente, encontrámos ex-alunos de licenciatura e de mestrado, que têm desenvolvido excelente trabalho científico e pedagógico, dinamizadores das comunidades mais jovens e empenhados em tecer redes internacionais.

A estrutura do programa proporcionou tempo e espaço para a discussão científica. Conferências de fundo e mesas redondas, organizadas segundo um modelo de apresentação e debate final, moderado por um especialista, colocaram, frente a frente, estudos de jovens investigadores, projectos e metodologias de investigação. Entre as primeiras, as de Carlos MARTINEZ SHAW (UNED-Espanha): *La multifuncionalidad de las islas en la primera mundialización*; Xosé Manoel NUÑEZ SEIXAS (USC-Espanha): *Escritas Ausentes: Os Soldados, os Emigrantes e os Desafios da História Cultural em Contextos de Mobilidade Geográfica*; e Antonio CASTILLO GÓMEZ (AL-Espanha): *Cambios epistolarios en el siglo XIX*. Entre as segundas, destaque para a sugestiva *Insularidades. Uma leitura transversal/ Insularity. A cross-reading*, com os contributos de Raimundo QUINTAL (CEG-UL, Madeira): *A Insularidade e a Geografia*; João JESUS (UMa-Madeira): *Insularidades e Biologia*; Susana FONTINHA (UMa-Madeira): *Insularidades e a Botânica*; e Paulo RODRIGUES (UMa-Madeira): *Da insularidade: paradigmas da madeirensidade*.

Poderemos apontar algumas ideias transversais que atravessaram as 52 comunicações e que servirão, certamente, para debates futuros:

– em que medida a insularidade foi e é espaço de oportunidades (fuga, privilég-

- gio) ou de limitações (como prisão, limite de recursos, etc.) e como, na longa duração, se lidou com esta(s) realidade(s);
- em que medida se podem encontrar comportamentos socioeconómicos, políticos e culturais comuns ou derivações relativamente às «metrópoles», do ponto de vista administrativo e financeiro;
 - em que medida os recursos insulares, nas suas diferentes formas, se bastaram, serviram múltiplos usos e formas de exploração (pesca, sal, águas, floresta, etc.), foram e são geridos, à luz do direito, da economia e da história do ambiente;
 - em que medida se processaram transferências de espécies animais ou vegetais, quais as adaptações tecnológicas;
 - em que medida a evolução do consumo se posicionou frente à alteração dos

- recursos insulares, ou estes frente à presença de estrangeiros e outros, e à sua instalação, mais ou menos duradoura;
- em que medida se podem assinalar mobilidades sociais (entre ilhas) e oportunidades de ascensão social;
 - em que medida se observou uma mobilidade de elites artísticas (artes decorativas) e de transferências de modelos;
 - em que medida o turismo tem contribuído para que o património se torne factor de desenvolvimento sustentável, de revalorização da memória e de preservação dos traços da história (arquivos, património material e imaterial).

As Actas, que se encontram já em fase de revisão, serão, certamente, um excelente instrumento de trabalho para muitos.

SIMPÓSIO TEMÁTICO «ARTICULAÇÕES PORTUGAL/BRASIL. REDES INFORMAIS NA CONSTRUÇÃO DO SISTEMA ATLÂNTICO». COORD. AMÉLIA POLÓNIA E AMÂNDIO BARROS. IN 3.º ENCONTRO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA COLONIAL. RECIFE, 4-7 SETEMBRO 2010

AMÉLIA POLÓNIA (FLUP/CITCEM)
AMÂNDIO BARROS (BOLSEIRO FCT/CITCEM)
HÉLIO COSTA LIMA (UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA)

No Recife, e na Universidade Federal de Pernambuco, decorreu o 3.º Encontro Internacional de História Colonial. Como se explica no *website* do Congresso, «O III EIHC dá continuidade às bem-sucedidas experiências do II Encontro Internacional de História Colonial, realizado em Natal em 2008, e do I Encontro Nordeste de História Colonial, em João Pessoa, em 2006, eventos pioneiros que reuniram departamentos e programas de pós-graduação em História de diversas universidades nordestinas, para promover o debate sobre pesquisa e produção de conhecimento em História Colonial».

Tendo como subtítulo «Cultura, Poderes e Sociabilidades no Mundo Atlântico (Século XV-XVIII)», o Congresso integrava Minicursos, Sessões Temáticas e Mesas-Redondas.

Revelando-se não só internacional, mas intercontinental, integrou centenas de comunicações, em sessões simultâneas e três conferências-chave, marcantes do evento: as de Joaquim Romero Magalhães, Serge Gruzinski, da École de Hautes Études en Sciences Sociales, e António Manuel Hespanha, que lançou, na ocasião, a obra «*Imbecillitas. As bem-aventuranças da inferioridade nas sociedades de Antigo Regime*» (S. Paulo, Annablume, 2010).

O Congresso contou com 11 minicursos, 22 mesas redondas e 17 sessões temáticas, cujo teor pode ainda ser consultado em <URL:http://www.eihc2010.com.br>.

Uma específica sessão temática, a ST3, foi proposta por dois investigadores do CITCEM (Amélia Polónia e Amândio Barros), sobre «Articulações Portugal/Brasil. Redes informais na construção do sistema Atlântico (séculos XVI-XVIII)». O painel contou com 21 participantes, distribuídos por três sessões de trabalho intensivas. Os seus pressupostos teóricos e os desafios que formulava encontravam-se expressos no *call for papers*, em que se afirmava: «A historiografia europeia sobre o fenómeno colonial tem estado centrada em aproximações que conferem prevalência ao estudo dos desempenhos políticos, militares, económicos dos Estados europeus. Partindo desta perspectiva, as interpretações das interações globais estabelecidas nesse período remetem para as estratégias do poder central e para jogos de rivalidade/conflicto entre potências coloniais. É convicção dos organizadores deste simpósio que esta visão é, não só redutora, mas também incapaz de explicar o dinamismo das trocas efectuadas a um nível global, independentemente de fronteiras e de políticas coloniais. Na Época Moderna, o dinamismo transcontinental era caracterizado pela disseminação de uma activa cooperação que ia para além das fronteiras dos reinos e dos continentes, a qual tornou possível a implantação de dinâmicas, económicas, demográficas, sociais e culturais, viabilizadas pela acção de redes, não só formais, mas também informais, multinacionais, em que assumem destaque as comunidades marítimas. A organização deste simpósio parte ainda do pressuposto teórico de que os indivíduos e os grupos contribuíram extensivamente para essas dinâmicas, por vezes ainda mais do que o próprio poder central.

mente para essas dinâmicas, por vezes ainda mais do que o próprio poder central.

Algumas destas premissas teóricas têm directas implicações na análise da construção colonial do Brasil no período em análise, conferindo particular destaque ao desempenho dos centros portuários portugueses e ao carácter auto-organizado da sua actuação. Focando-se no relacionamento entre Portugal e o território brasileiro, é objectivo deste simpósio promover uma discussão alargada destes pressupostos, envolvendo investigadores e académicos portugueses e brasileiros (aberta, logicamente, a toda a comunidade científica internacional)».

Dando sequência a este desiderato e desafio científico, a apresentação de estudos de caso das duas margens do Atlântico foi não só bem-vinda mas condição necessária para se atingirem os objectivos propostos, vindo a suscitar um debate alargado sobre a complexa realidade em análise: a dos fenómenos coloniais. A sessão, que contou com um considerável número de estudantes de pós-graduação, revelou-se dinâmica e capaz de gerar desafios futuros.

Como balanço, reproduz-se a avaliação feita por um dos notáveis participantes, o arquitecto Hélio Costa Lima, professor na Universidade Federal da Paraíba:

«Não duvido de que todos os Simpósios Temáticos do III EIHC tenham sido interessantes. Mas tenho certeza de que nenhum teve um cardápio mais diversificado e divertido que o nosso: carne seca, sal, pimenta e frutas cítricas, arquitetura e ourivesaria, tráfico e contrabando no lombo de mulas e nos porões dos navios, tudo financiado e segurado por cristãos-novos que casaram com cristãos-velhos para obter títulos nobiliários e imobiliários... O Sistema Colonial do Atlântico merece, sim, o título de “primeira idade da globalização”. Já estou na expectativa do próximo...».

COLÓQUIO INTERNACIONAL «250 ANOS DA RUPTURA DIPLOMÁTICA ENTRE PORTUGAL E ROMA. RELIGIÃO E POLÍTICA NO MUNDO PORTUGUÊS (SÉCULOS XVI-XIX)». UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAÍA. SALVADOR, 8-10 SETEMBRO 2010

ZULMIRA SANTOS
(UNIVERSIDADE DO PORTO/CITCEM)

Evocando os acontecimentos de Junho de 1760, que provocaram o corte de relações entre Portugal e Roma, a Universidade Federal da Baía organizou, em Salvador, entre os dias 8 e 10 de Setembro de 2010, um Colóquio Internacional intitulado «250 anos da ruptura diplomática entre Portugal e Roma. Religião e política no mundo português (séculos XVI-XIX)». No quadro da pressão que a Coroa portuguesa vinha exercendo sobre a Santa Sé, no sentido da extinção da Companhia de Jesus, expulsa de Portugal em 1759, a suspensão de tais relações potenciava a implementação de diferentes modelos eclesiológicos e até devocionais, no contexto das reformas pombalinas. Neste sentido, este colóquio, em que intervieram investigadores de várias nacionalidades, permitiu que fossem examinadas formas de relação entre o Estado e a Igreja, ao longo dos séculos XVI-XVIII. Enquanto Giuseppe Marcocci (Scuola Normale Superiore di Pisa) desenvolveu o tema «O Papado e o Império português. Diplomacia e teologia no século XVI», propondo uma interpretação global das teorias do imperialismo português de Quinhentos, tendo em conta as relações internacionais com as grandes monarquias de Espanha, França e Inglaterra, Charlotte de Castelneau-l'Estoile (Paris Ouest – Nanterre La Défense) examinou a questão de Roma e as «necessidades espirituais do Brasil», estudando a documentação da Propaganda Fide e do Santo Offizio, no século XVII e início do XVIII.

«Regalismos» e «Galicanismos» mereceram a reflexão de Alain Talon (Université Paris IV – Paris-Sorbonne), evidenciando que, embora a defesa das liberdades da Igreja galicana e dos privilégios do rei da França face ao Papa tenha

sido um dos elementos constituintes da identidade política da monarquia francesa, tal questão deve ser bem mais matizada, pois que não se trata apenas de um simples «complexo anti-romano», tendo os «galicanismos» globalmente contribuído para uma reflexão sobre o poder da Igreja e do Estado, não sem relevância para suas respectivas evoluções. Andrea Smidt-Sittema (Geneva College) estendeu a questão à realidade espanhola do século XVIII: «El regalismo borbónico y la importación del galicanismo: El camino político hacia una religión de estado en la España del siglo XVIII».

Noções como «disciplinamento» e «confessionalização» concentraram a atenção de José Pedro Paiva (Universidade de Coimbra), que pensou as relações entre a monarquia e a Igreja portuguesa, propondo uma reflexão global sobre os sentidos dessas mesmas relações, numa comunicação intitulada «As duas espadas do poder no império português (séculos XVI-XVIII)», e de Federico Palomo (Universidad Complutense de Madrid), que reflectiu sobre «Confessionalização e formas de disciplinamento em Portugal e no seu Império na época moderna».

A realidade brasileira foi analisada, sob vários ângulos de investigação, por Ângela Domingues (Instituto de Ciências Tropicais – Lisboa), com a comunicação intitulada «Aver-se feito fruto muyto e nenhum prejuízo ao sigillo da confissão»: missionários, índios e comunicação»; por Maria Rosário Gonçalves de Carvalho (UFBA), «Os Índios da Capitania de Porto Seguro sob o Diretório Pombalino»; por Iris Kantor (USP), «Festas públicas na década de 1760: ecos da ruptura na urbe colonial»; por Luís Filipe Silvério Lima, «Produção, circulação

e censuras de panfletos e manuscritos proféticos no século XVIII e a formulação de projetos políticos e messiânicos para a monarquia portuguesa (Unifesp)»; e por Giuseppina Raggi (CHAM – FCSH/UNL), «Pintura monumental no Terreiro de Jesus: jogo de espelhos entre política e religião».

Os investigadores do CITCEM, Pedro Tavares e Zulmira Santos, privilegiaram, respectivamente, «Molinismo e política» e «Os oratorianos na década de 60 do século XVIII: luzes e sombras», estudando, neste caso, diferentes orientações eclesiológicas e devocionais de vários membros da congregação do Oratório,

nos anos 60-70 do século XVIII. Tiago C. P. dos Reis Miranda (CHAM – FCSH/UNL) visou «O discreto valimento de um purpurado. D. João da Mota e Silva (1691-1747)» e Bruno Feitler (Unifesp) «A Inquisição pombalina: aspectos jurídicos».

A intervenção de Evergton Sales Souza (UFBA), «Os homens de Igreja e a construção de uma nova relação entre Igreja e Estado no período pombalino», estimulou o balanço final de um encontro científico pautado pelo debate de ideias e perspectivas sobre as relações entre o Estado e a Igreja, na época Moderna, no âmbito do império português.

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL ASSINALA A APOSENTAÇÃO DE MALCOLM VALE. OXFORD, SETEMBRO 2010

TIAGO VIÚLA DE FARIA
(ST. JOHN'S COLLEGE, OXFORD/BOLSEIRO FCT/COLAB. CITCEM E IEM)

Começou no final da década de 1960 a longa e distinta carreira de Malcolm Vale, pautada por importantes e influentes estudos, entre livros e muitos artigos sobre variados aspectos da cultura, da política e das relações entre regiões e estados na Idade Média. Desde a publicação a que deu origem a sua tese de doutoramento, sobre a presença inglesa na Gasconha, até à sua mais recente obra, que avalia as relações entre as coroas da Inglaterra e da França, desde o chamado império angevino até meados do século XVI, as monografias de «M.G.A. Vale» abrangem um estudo de referência sobre a cultura cavaleiresca medieval e um outro em que a cultura das cortes norteeuropeias é vista através da complementaridade nos seus aspectos sociais, rituais, administrativos e materiais. Vale escreveu também uma biografia do rei francês Charles VII e, recusando uma despedida efectiva às suas actividades como investigador, prepara neste

momento uma outra – a de Henry V de Inglaterra¹.

Um grupo de cinco antigos e actuais alunos de doutoramento orientados por Malcolm Vale (nos quais me incluo) tomou a iniciativa de conceber e coordenar uma conferência alusiva à aposentação deste académico, com o patrocínio de The British Academy, para além

¹ Monografias referidas, pela ordem em que se apresentam no texto:

VALE, M. G. A (1970) – *English Gascony, 1399-1453. A Study of War, Government and Politics during the later Stages of the Hundred Years War*. Oxford: Oxford University Press.

Idem (2009) – *The ancient enemy: England, France and Europe from the Angevins to the Tudors, 1154-1558*. Londres: Hambledon Continuum.

Idem (1981) – *War and Chivalry: Warfare and aristocratic culture in England, France and Burgundy at the end of the Middle Ages*. Londres: Duckworth.

Idem (2001) – *The princely court: medieval courts and culture in North-West Europe, 1270-1380*. Oxford: Oxford University Press.

Idem (1974) – *Charles VII*. Berkeley: University of California Press.

do de instituições vinculadas ao seu colégio e à sua universidade. Os interesses científicos de Vale e o escopo das suas contribuições ficaram espelhados no tema escolhido para a conferência; como descrito no plano de trabalhos, identificou-se «the need to recognise the multiple intersections between political units which have all too often been considered separately rather than through their interaction. The aim of our conference is to take this debate a step further... by assessing the conceptual and historical implications of the new map of [late medieval] Europe that is being drawn».

Os conferencistas foram catorze colegas e amigos do homenageado, cada um contribuindo com uma comunicação: Paul Booth (Univ. Liverpool), Maria João Branco (Univ. Aberta), Gottfried Croenen (Univ. Liverpool), Jean-Philippe Genet (Univ. Paris I – Sorbonne), Rita Costa Gomes (Univ. Towson), Mario Damen (Univ. Leiden e Amesterdão), Jan Dumolyn (Univ. Ghent), Jean Dunbabin (Univ. Oxford), Michael Jones (Univ. Nottingham),

Maurice Keen (Univ. Oxford), Frédérique Lachaud (Univ. Paris IV), Werner Paravicini (Univ. Kiel), Guilhem Pépin (Univ. Oxford) e John Watts (Univ. Oxford).

Os trabalhos decorreram durante os dias 10 e 11 de Setembro, no St John's College de Oxford. Para além de uma resenha biográfica, no início, e da apresentação final de conclusões, as comunicações foram distribuídas por três grandes áreas temáticas – «Political exchange», «Space and itineracy» e «Literature, language and material culture». O debate nas duas últimas sessões foi co-moderado pelo membro do CITCEM presente.

Outros amigos e interessados (perto de 40) compuseram a audiência e contribuíram para o debate que, como seria de prever, beneficiou imenso das experiências e conhecimentos de um grupo variado e muito internacional.

Deverá sair em 2011, pela editora Boydell & Brewer, um *festschrift* dedicado a Malcolm Vale, contendo as comunicações apresentadas nesta conferência.

ALEXANDRIA AD AEGYPTUM: A EXPERIÊNCIA DE MULTICULTURALISMO NA ANTIGUIDADE

ROGÉRIO SOUSA (INSTITUTO SUPERIOR DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – NORTE/BOLSEIRO FCT/INVESTIGADOR CITCEM)
NUNO SIMÕES RODRIGUES (FLUP/CENTRO DE HISTÓRIA)
ISABEL PEREIRA LEITE (BIBLIOTECA DA FLUP/CITCEM)

Nos dias 21 e 22 de Outubro, o Anfiteatro Nobre da Faculdade de Letras do Porto acolheu o colóquio *Alexandria ad Aegyptvm: A experiência de multiculturalismo na Antiguidade*. O colóquio, organizado pelo CITCEM, reuniu dezenas de investigadores nacionais e estrangeiros com o intuito de vincar a importância do estudo da Antiguidade para a compreensão das transformações culturais, quer científicas quer religiosas, que se verificaram em Alexandria e de dar a conhecer o estado actual da investigação que se tem desenvolvido em torno desta temática.

Os investigadores envolvidos na iniciativa contam-se entre os especialistas mais reputados em Portugal no estudo das civilizações da Antiguidade e desenvolvem os seus trabalhos na Universidade de Alexandria, na Universidade de Coimbra, na Universidade de Lisboa, na Universidade Aberta, na Universidade de Évora e na Universidade do Porto.

As sessões organizaram-se de modo a ilustrar a multiplicidade de áreas de estudo que se desdobram em torno da cultura alexandrina. Em cada uma das abordagens, seja através da história, da ciência, da religião, da literatura ou

da arte, o multiculturalismo da cultura de Alexandria fica bem patente, mesclando civilizações e criando entre elas um denominador comum que determinou indelevelmente as culturas ocidentais. O colóquio sobre o multiculturalismo alexandrino não só abriu questões relevantes para a compreensão da civilização helenística como contribuiu significativamente para compreender alguns dos dinamismos que caracterizam os desafios que se colocam nas actuais civilizações da contemporaneidade.

A convite da organização, a arqueóloga egípcia Mona Haggag apresentou algumas das recentes descobertas efectuadas por missões arqueológicas desenvolvidas em Alexandria, as quais lançam novos e decisivos contributos para a compreensão do multiculturalismo

alexandrino. Também a especialista em Antiguidade Clássica, Omnia Fathallah, participou no evento, apresentando o projecto *The Alexandrian Project*, um dos maiores projectos de investigação empreendidos pela Bibliotheca Alexandrina, cujo intuito é o de promover a investigação relacionada com a antiga Biblioteca de Alexandria.

A realização deste colóquio inseriu-se numa cadeia de iniciativas organizadas no âmbito do Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura Espaço e Memória» (CITCEM), que visa desenvolver o estudo transdisciplinar da Antiguidade, bem como estreitar os laços institucionais entre as Universidades portuguesas envolvidas no projecto com a Universidade de Alexandria e a Bibliotheca Alexandrina.

EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA A COR É A LUZ – DETALHES DA FASCINAÇÃO. BIBLIOTECA DA FLUP, OUTUBRO 2010

MARIA DO CARMO SERÉN (INVESTIGADORA DO CITCEM)

Fascinação é a palavra síntese com que resumimos uma vagabundagem pelo Egipto ou pelos vários milhares de imagens fotográficas que, ao longo do tempo da Fotografia, acabamos por conhecer.

Esta exposição fotográfica inclui-se no projecto desenvolvido a partir do Colóquio *Alexandria ad Aegyptum* e junta os fotógrafos amadores Katherina Uelman, Christel Kruget, Rogério de Sousa e Marie Bryan que, este ano, ainda no âmbito deste projecto, fez uma palestra sobre o papel do Clube de Chicago, em Luxor, de que é bibliotecária. Torna-se claro que estes fotógrafos aderiram a esse fascínio da cor e da luz que, gostamos de o dizer, tanto explica as origens da sua civilização milenária.

É difícil percorrer livremente o Egipto, seja por um imperativo de segurança sempre avivado, seja porque interiorizámos itinerários

seculares devidamente actualizados com as descobertas sobre o Antigo Egipto, a sua helenização e romanização, a ocupação árabe e turca e as vagas mas insistentes presenças cristãs. Não se passeia pelo Egipto à procura do «momento decisivo», mas acompanhados por imagens a preto e branco ou a cor.

A originalidade desta exposição realizada pela Comissão Organizadora do Colóquio é contrapor a luz e as cores que evocamos da pintura do Antigo Egipto com a cor e a luz que tudo ilumina claramente e se distribui no céu, no solo, no calcário, na mancha do Nilo, no verde carregado dos papiros, nos produtos do mercado, nos remedos de tinta dos prédios, no vestuário e, com uma variedade de forma e cor extraordinárias, na colecção de borboletas que, do Nilo ao Golfo de Accaba, o levantamento que Christel Kruget efectuou com bastante sucesso.

Reconhecemos o olhar ocidental na minúcia das tomadas de vista que distinguem a organização do desleixo, os excessos e as pequenas misérrias, as gentilezas mal entendidas e a oferta feérica de uma cidade totalmente dourada pelo sol.

Para um olhar contemporâneo distinguem-se as imagens isoladas nos tripés, que revelam boa composição e sentido estético, uma ou outra perspectiva horizontal, sem perspectiva geométrica, dos contentores na margem do

Nilo, a imagem de uma Alexandria doirada, o estético enquadramento da série de cadeiras encaixadas ou da tempestade de areia, mas o mais importante da selecção é a aproximação antropológica que norteia os autores. Destacam-se ainda algumas das borboletas mais identificáveis de Christel Krugert.

O confronto termina com uma captação da cor caótica do Cairo e uma bela perspectiva de Alexandria.

1.º CONGRESSO INTERNACIONAL: POVOAMENTO E EXPLORAÇÃO MINEIROS NA EUROPA ATLÂNTICA OCIDENTAL

CARLA BRAZ MARTINS (CITCEM-ICS-UM/BOLSEIRA FCT)

O 1.º Congresso Internacional: Povoamento e Exploração de Recursos Mineiros na Europa Atlântica Ocidental é uma organização do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (grupo Paisagens, Fronteiras e Poderes), da Associação Portuguesa para o Estudo do Quaternário (APEQ) e da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP), que irá decorrer no Auditório do Museu D. Diogo de Sousa, em Braga, a 10 e 11 de Dezembro de 2010.

Este Congresso pretende dar a conhecer os mais recentes trabalhos na área da mineração e suas implicações ao nível do povoamento e sociedade, da arqueometalurgia, nomeadamente análise de materiais e ourivesaria, e das novas metodologias aplicadas à arqueologia, principalmente a prospecção geofísica e os sistemas de informação geográfica aplicados à Arqueologia.

Apresenta quatro temas, nomeadamente

«Povoamento e Sociedade», «Mineração e Tecnologias Mineiras», «Arqueometalurgia» e «Novas Metodologias Aplicadas à Arqueologia», a cargo de diferentes especialistas nas áreas apresentadas, como sejam Paul T. Craddock (British Museum, London), Cármen Fernandez Ochoa (Univ. Autónoma, Madrid), Ángel Morillo Cerdán (Univ. Complutense, Madrid), Javier Sánchez-Palencia (CSIC, Madrid), Barbara Armbruster (CNRS), Fernando Rocha Almeida (Univ. Aveiro), Jorge Carvalho (FEUP) e William O'Brien (Univ. Cork, Cork).

O programa deste congresso, assim como os resumos das conferências e comunicações poderão ser consultados no site: <URL:<http://www.mineracaoantiga.com>>.

Congresso no âmbito do projecto de investigação «Organização territorial romana e exploração de recursos no Convento Bracarense», com o apoio da FCT (SFRH/BPD/41771/2007).

OS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS NA VILLA ROMANA DE VALE DO MOURO (CORISCADA, MÊDA)

PEDRO PEREIRA
(INVESTIGADOR DO CITCEM/UMR 5138 ARCHÉOMÉTRIE ET ARCHÉOLOGIE – ULLI/CNRS)

A escavação do sítio de Vale do Mouro foi iniciada em 2003, após uma visita de António do Nascimento Sá Coixão¹ ao local. Seguiram-se prospecções na zona, que permitiram identificar o potencial arqueológico do sítio, vários materiais domésticos e de construção e uma ara dedicada a Júpiter encontrada na aldeia da Coriscada. Nesse mesmo ano, na primeira campanha de escavação, foi encontrada a estrutura das termas, localizadas no extremo sudeste da zona escavada.



Imagem 1 – Panorama geral das termas, 2009.

Nas campanhas seguintes, dirigidas por António do Nascimento Sá Coixão e Tony Silvino², com uma equipa composta por estudantes e arqueólogos portugueses e franceses, descobriu-se toda uma série de edifícios e estruturas que permitiram identificar Vale do Mouro como uma *villa* romana.

Uma *villa*, no seu sentido clássico, divide-se em várias zonas, cada uma com finalidades específicas. Em Vale do Mouro podemos identificar as três zonas em que uma *villa* clássica estaria normalmente dividida: a *pars urbana*, a *pars rustica* e a *pars fructaria*.

¹ Arqueólogo da Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão.

² Arqueólogo luso-francês, UMR 5138 Archéologie et Archéométrie – Archeodunum. Colaborador do CITCEM.

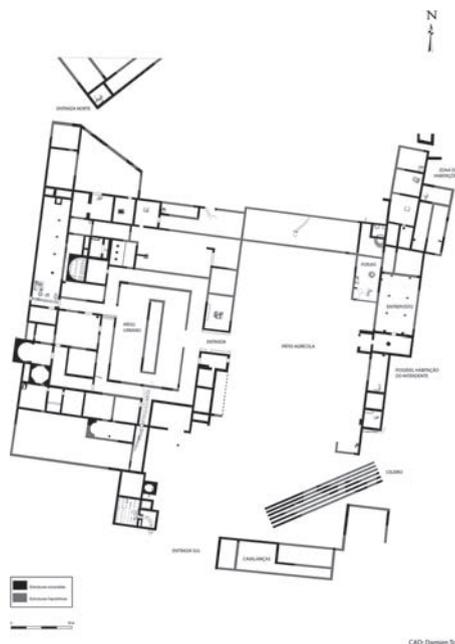


Imagem 2 – Planta de Vale do Mouro, 2009.

A *pars urbana* consiste numa série de edifícios construídos em torno de um pátio central, rodeado por um corredor em peristilo, com um reservatório de água central. Seria na *pars urbana* que o *dominus*, ou proprietário da *villa*, viveria com a sua família e alguns servos domésticos. Aqui também encontramos os escritórios, cozinhas, salas de convívio e jantar e o lagar de vinho.



Imagem 3 – Corredor da entrada principal da *pars urbana*, 2009.

A *pars rustica* seria a zona de habitação dos trabalhadores rurais e a principal zona de transformação de matérias-primas (como mineral, fibras ou cereais) em produtos (como objectos em metal, tecidos ou farinha). No caso de Vale do Mouro, é possível observar um pátio central que acomoda também todos estes edifícios, embora com muito menos ostentação e luxo do que aqueles que compõem a *pars urbana*.

Finalmente, a *pars fructuaria* compõe-se de todos os terrenos de exploração e obtenção de matérias-primas. Sabemos hoje que na época de ocupação da *villa*, entre os séculos II e IV da nossa Era, a *pars fructuaria* se estenderia entre o rio Massueime e uma zona próxima da capela de Santa Bárbara, ocupando uma área não inferior a 3,5 ha. Seria nestes terrenos que se cultivava o cereal, a vinha e o olival e que se praticava a caça, a pastorícia e mineração.

A campanha de 2010, que durou três semanas, teve como objectivo principal a

delimitação de algumas zonas que anteriormente haviam sido escavadas e verificar as passagens da rede hidráulica na *pars urbana*. O outro objectivo deste ano foi a abertura de uma sondagem intra-quadrícula na zona a Norte do lagar de vinho, para estabelecer o seu carácter utilitário e comprovar a existência de um *fumarium* vinário. Como vem sendo habitual, as escavações tiveram o apoio de uma série de estruturas locais³, contando, igualmente, com a participação voluntária de estudantes, um campo internacional do IPJ e arqueólogos. Paralelamente, iniciaram-se os estudos para a implementação de sinalética e material de apoio para a musealização do arqueo-sítio. Iniciou-se também o processo para a futura publicação de um estudo monográfico sobre a *villa*.

³ Câmara Municipal da Mêda, Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão e Associação Cultural e Desportiva da Coriscada.

DOIS PROJECTOS DE INVESTIGAÇÃO EM CURSO NO ÂMBITO DO CITCEM

AMÉLIA POLÓNIA (FLUP/CITCEM)

1. MEMORANDUM DE UM PROJECTO IMPLEMENTADO

DynCoopNet – Dynamic Complexity of Cooperation-Based Self-Organizing Networks in the First Global Age, aprovado pela European Science Foundation – Programa EUROCORES TECT 2006 (Financiamento conjunto ESF/FCT. Ref.^a ESF. 06-TECT-FP-004/ Ref.^a FCT – TECH/0002/2007)

O projecto, internacional e multidisciplinar, enquadra o programa TECT (The Evolution of Cooperation and Trade) da EUROCORES, através do exame da cooperação, analisando a acção de redes auto-organizadas durante a chamada 1.^a Idade da Globalização (1400-1800). O projecto, a decorrer entre 2007

e 2010 – na verdade, no caso português, entre 2008 e 2011, dada a data tardia de início de financiamento –, propõe-se produzir novos quadros teóricos em torno das redes no terreno e dos mecanismos de cooperação implementados no decurso da Época Moderna.

Através da convergência de metodologias pouco usuais no domínio da investigação histórica e das Ciências Sociais em geral, o projecto propõe-se estudar os mecanismos de cooperação que permitiam a comerciantes e outros agentes estabelecer e manter redes, que actuavam em contexto intercontinental. Em oposição a leituras tradicionais que centram no poder central e nos circuitos de poder institucionalizados a análise do expansionismo marí-

timo e comercial europeu, o DynCoopNet propõe uma leitura centrada na análise da acção dos indivíduos e de redes auto-organizadas, caracterizadas por uma forte difusão de autoridade, que frequentemente ultrapassavam fronteiras políticas. Mais ainda, estas redes funcionavam como fonte de criatividade e proporcionavam a inovação necessária para responder, de uma forma flexível, aos problemas de circulação de capital, transporte e informação próprios da época. Baseando-se numa extensa pesquisa centrada no arquivo da casa comercial e financeira de Simón Ruiz, sob tutela do Arquivo Provincial de Valladolid, em particular nas séries de letras de câmbio e correspondência comercial, a equipa produziu, utilizando como *software*, o *timelink*, aplicação informática desenvolvida na Universidade de Coimbra por Joaquim Carvalho, uma base de dados a ser brevemente disponibilizada on-line.

O projecto prossegue uma análise multidisciplinar de redes de comércio atlânticas, com recurso a vastas massas de dados documentais e cartográficos, visando proceder à sua projecção espacial, através da utilização de metodologias GIS (Geographical Information System) e à sua modelização matemática, com o objectivo de analisar a projecção espaço-temporal da rede em estudo, bem como o de identificar e de interpretar os indicadores e variáveis que interferem na constituição de redes e nos mecanismos de cooperação no período em estudo.

A equipa do projecto é composta por investigadores integrados procedentes de Portugal, Estados Unidos e Espanha e por parceiros associados e colaboradores procedentes de Portugal, Espanha, Itália, EUA, Austrália, Grã-Bretanha, Japão, Índia, Noruega, Suíça, Holanda, Moçambique e Alemanha. São membros da equipa portuguesa: Amélia Polónia (coordenadora), Joaquim Carvalho, Amândio Barros, Miguel Nogueira, Helena Osswald e Nuno Camarinhas (investigadores integrados das Universidades do Porto, Coimbra e Nova de Lisboa); Ana Sofia Ribeiro e Sara Pinto (bolseiras de investigação), João Carvalho e Sandra Brito (colaboradores).

Este projecto foi lançado ainda no âmbito do Instituto de História Moderna, que se integrou no CITCEM, em 2007. Oportunamente serão divulgados alguns dos seus resultados provisórios, já apresentados na TECT Final Conference (Budapest, 15-17 Setembro de 2010). Mais pormenores podem ser consultados em <URL: <http://dyncoopnet-pt.org/>>.

2. MEMORANDUM DE UM PROJECTO NÃO FINANCIADO

Memória(s) e identidade(s) marítima(s).

Culturas, práticas sociais e representações de comunidades marítimas (MEMIMAR)

Projecto submetido a concurso à FCT, em Janeiro de 2009 e não financiado

O projecto que se apresenta conta com uma equipa multidisciplinar, maioritariamente constituída por investigadores integrados e estudantes de doutoramento do CITCEM.

Centrado na análise multidisciplinar das memórias e identidades marítimas, desenvolvida numa perspectiva diacrónica e multidisciplinar, os seus objectivos eram os de apresentar um programa de investigação centrado na análise de dinâmicas históricas, inclusive as do tempo presente, capazes de conduzir à discussão do tema da memória e identidade de grupos socioprofissionais, nomeadamente daqueles ligados ao mar (SUTTON, 2008: 23-48).

Partindo dos componentes estruturantes da identidade apresentados por Pierre Tap (TAP, 1980, reed. 1986), a par do conceito de cultura de classe, sustentado pela «Teoria da Prática» de Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1979), pretendia-se estudar alguns indicadores que permitam discutir a forja e a consolidação de identidade(s) marítima(s), tomando como objecto de estudo comunidades marítimas do litoral português, em perspectiva comparativa com estudos feitos para outros espaços europeus.

Pretendia-se analisar práticas sociais, comportamentos demográficos, cultura material e imaterial, apropriação dos espaços urbanos, sistemas de valores, práticas e sensibilidades

religiosas, formas de representação e auto-representação. Iniciando a análise pelas dinâmicas do expansionismo europeu, no período moderno, esta pretendia-se desenvolvida na longa duração, abrangendo o universo dos navegadores e pescadores, em ordem a captar, em simultâneo, especificidades e permeabilidades entre estes dois grupos, bem como linhas de tendência que identificassem continuidades e/ou linhas de evolução entre o período moderno e o contemporâneo.

Metodologicamente, o projecto assumia uma perspectiva vincadamente teórica, sempre suportada por dados empíricos já recolhidos ou a recolher, sob a forma de documento escrito (bases de dados paroquiais, notariais, registos de irmandades e confrarias), registo oral (entrevista), filmografia, iconografia, planos de implantação urbana, capazes de ser interrogados e analisados, em simultâneo, pela História, pela Sociologia e pela Antropologia, pelos Estudos Culturais e Literários, accionando as respectivas metodologias de trabalho, discutidas em *workshops* conjuntos. Esta metodologia de trabalho de equipa deveria contribuir para uma publicação de síntese, em que se compendiassem as conclusões de um Congresso Internacional com que se pretendia encerrar o projecto, em Dezembro de 2013.

Conscientes da complexidade envolvida pelo projecto, este contaria como mais-valia com a colaboração de um grupo de investigadores de formação multifacetada na área da História, da Cultura, da Espiritualidade, da Demografia, disponível na ID – CITCEM, capazes de contribuir, tanto para a discussão teórica, quanto para uma eficaz e representativa base empírica, e contaria também com a colaboração de consultores, incluindo investigadores nacionais e externos, provindos da França, Grécia, Canadá e Holanda.

O projecto integrava, para além de uma componente académica de investigação e de discussão, em reuniões científicas de especialidade (*workshops* e cursos de formação para pós-graduados) e em reuniões internacionais alargadas (congresso internacional de encerramento), eventos directamente projectados para a comunidade, como exposições, visionamento de filmes e vídeos, debates e registo de depoimentos de protagonistas do presente. A Museologia, a Cinematografia, a Antropologia eram, para além da História e da Sociologia, áreas disciplinares-chave.

O projecto era e é, sem dúvida, ambicioso, de uma ambição só possível de ser abrangida pela integração de bolsheiros de investigação, a nível de mestrado, doutoramento e pós-doutoramento, pela convergência, numa plataforma informática on-line, de materiais e de informação já disponíveis, a ceder por cada um dos membros da equipa em benefício de uma plataforma comum. A adesão de instituições culturais, como Museus e centros de documentação, estava também assegurada. Todavia, só um financiamento de vulto viabilizaria o projecto. E a FCT não entendeu o projecto merecedor desse financiamento, apesar de os membros do painel de avaliação o terem valorizado com uma ponderação de 85%. Não foi, pois, entendimento da FCT financiar este projecto, como não tem sido por norma o seu entendimento o de constituir painéis de avaliação ou dar suporte financeiro capazes de promover projectos de natureza inter e multi-disciplinar, para os quais só o financiamento internacional, da ESF ou da Comunidade Europeia, através dos seus programas-quadro, têm contribuído (Cf. notícia prévia sobre o projecto DynCoopNet, financiado pela FCT, mas aprovado pela ESF).